

A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um Cacicado Marajoara¹

*Denise Pahl Schaan*²

Resumo

A cerâmica cerimonial Marajoara surge a partir do ano 400 A.D., veiculando os valores político-religiosos de elites emergentes. Tais elites estavam organizadas em cacicados competitivos, que se diferenciavam pela adoção de estilos estéticos regionais, buscando a afirmação de seu status e identidades sociais. Entendendo que identidades individuais e sociais estariam também representados na iconografia encontrada em objetos pessoais, este artigo explora alguns objetos encontrados em contexto funerário, interpretando-os enquanto discursos sobre gênero e papéis sociais. Argumenta-se que os estudos iconográficos e a perspectiva de gênero podem ser extremamente importantes para a reconstituição do passado, ao levarem em conta as estratégias desenvolvidas por pessoas que agem em função de sua posição social, gênero e idade.

Palavras-chave: Iconografia, Gênero, Cultura Marajoara, Sociedades Complexas.

¹ "A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e significado em uma comunidade Marajoara" foi apresentada dentro do Simpósio Cultura Material e Significado, organizado por Tania Andrade Lima, no XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizado em São Paulo, de 21 a 25 de setembro de 2003.

² Ph.D. em Antropologia Social / Arqueologia, Pesquisadora Bolsista MCT-CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi. Caixa Postal 399, CEP 66040-170, Belém/PA.

Abstract

Marajoara ceremonial ceramics appears by 400 A.D. as vehicles for religious and political values of emergent elites. These elites were organized in competitive chiefdoms, which differentiate themselves by the adoption of regional styles, seeking the affirmation of their status and social identities. Understanding that individual and social identities were also represented on the iconography of personal belongings, this article explores some objects found in a funerary context, interpreting them as discourses on gender and social roles. It is argued that both iconographic studies and gender perspectives can be extremely important for reconstructing the past, taking in account the strategies developed by people who act as a function of their social positions, gender and age.

Keywords: Iconography, Gender, Marajoara Culture, Complex Societies.

Introdução

O estudo da iconografia e conteúdo simbólico da cerâmica Marajoara sempre fez parte das preocupações de seus estudiosos, desde as primeiras descobertas dos tesos³ cerimoniais e sua cerâmica ritual, ainda no século XIX. Naquela época, as principais perguntas que dirigiram as investigações se relacionavam à origem das populações Marajoara e o significado de seus símbolos (ver Ferreira Penna, 1877; Hartt, 1871; Netto, 1885). Mesmo as abordagens mais ingênuas consideravam aquela arte como religiosa, de conteúdo xamanístico e ritual, especialmente dada sua associação com contextos funerários. A procura de paralelos em outras partes das Américas apontou para conexões no oeste e noroeste da América do Sul, partes da América Central e Caribe estendendo-se até áreas dos Estados Unidos, como o

Mississippi (Meggers e Evans, 1957; Palmatary, 1950). Algumas das semelhanças apontadas diziam respeito a formas, decoração e grafismos em vasilhas e objetos. Temos interpretado estas semelhanças na cultura material seja como coincidências, seja como contato, uma vez que redes de trocas através das quais percebe-se a distribuição de objetos líticos por uma vasta área transcontinental (Boomert, 1987) poderia também ter impulsionado a adoção de símbolos gráficos. Uma terceira possibilidade, para alguns casos, seria ainda uma base étnica e cultural comum, construída através do tempo por meio de migrações ou diásporas.

Em âmbito local, a distribuição diferencial de certos sub-estilos dentro da Ilha de Marajó também chamou a atenção dos pesquisadores, que eventualmente utilizaram estas diferenças para estabelecer cronologias relativas (Magalis, 1975; Meggers e Evans, 1957; Roosevelt 1991). Apesar de concordarmos em que deve haver uma diferença cronológica entre os diversos sítios, indicando uma expansão geográfica da cultura Marajoara, as datações disponíveis indicam que esta expansão se deu rapidamente, em um período de 100 a 200 anos. Os dados sugerem, portanto, que a segregação de sub-estilos estaria mais provavelmente relacionada à diferenças sociopolíticas entre áreas geográficas distintas, e uma busca de afirmação de identidade e status de grupos sociais locais. Ainda que o conceito de estilo e seu uso enquanto categoria analítica varie entre arqueólogos, existe certo consenso de que estilos são instrumentos de comunicação e demarcam (intencionalmente ou não) fronteiras sociais e políticas (Conkey e Hastorf, 1990; Earle, 1990; Wobst, 1977). Neste sentido, o uso exclusivo de certos objetos, especialmente aqueles relacionados a rituais funerários, comunica

³ Teso é a denominação local para colina (mound, em inglês) e significa "terra firme".

sobre filiação a um grupo social, identidades individuais e possivelmente diferenças étnicas. O que é importante salientar, entretanto, é que a localização geográfica desses traços dentro do domínio da cultura Marajoara, representados particularmente por determinados tipos de urnas funerárias e outros objetos rituais, demarcariam centros regionais de poder. Estas seriam sociedades regionais ou cacicados (na acepção conferida por Carneiro, 1981) constituídos por grupos de tesos de diferentes tamanhos, formando um padrão hierárquico de assentamento, com uma população entre 1000 e 3000 pessoas. O maior deles, caracterizado pela construção de 34 aterros ao longo do igarapé dos Camutins, um afluente do alto rio Anajás, foi objeto de pesquisa que resultou em nossa tese de doutorado (Schaan, 2004).

Nesse trabalho selecionamos alguns aspectos da iconografia Marajoara, assim como alguns objetos da cultura material encontrados no sítio PA-JO-15: Camutins, para discutir seus possíveis significados, tendo em vista os contextos aos quais estes objetos estavam associados no sítio arqueológico. Essa discussão envolve também uma perspectiva de gênero, dado o peso que este possui na iconografia Marajoara. Infelizmente os estudos iconográficos e os estudos de gênero não fazem parte do dia-a-dia da pesquisa arqueológica. Quando são utilizados, muitas vezes cumprem o papel de ilustrar comportamento cultural, não de entendê-lo por causa de suas manifestações simbólicas. Em muitos casos, no entanto, negar-se à pesquisa iconográfica ou rejeitar uma perspectiva de gênero pode significar fechar os olhos para aspectos do registro arqueológico que podem nos ajudar enormemente na reconstrução do passado. Por exemplo, uma perspectiva de gênero pode nos ajudar a entender o passado arqueológico de uma maneira que leva em conta as estraté-

gias desenvolvidas por pessoas que agem em função de sua posição social, gênero e idade (Brumfiel, 1992). Portanto, se considerarmos os atores sociais em todas as dimensões de suas identidades sociais, reconhecendo que gênero pode ser importante em definir produção, consumo e distribuição de itens da cultura material (Brumfiel, 1991; Costin, 1996; Fish, 2000), estaremos em uma melhor posição para entender organização social em sociedades do passado.

O Cacicado dos Camutins

O cacicado dos Camutins se constituía em um centro político e religioso composto por 34 tesos de 3 a 12 metros de altura, construídos artificialmente ao longo de 10 km das margens do igarapé dos Camutins, cuja influência atingia outras comunidades existentes na bacia do rio Anajás. Como parte dos objetivos da pesquisa que realizamos na área em 2002, estávamos preocupados em definir o tipo de organização sociopolítica que caracterizaria aquele cacicado em termos de hierarquia, divisão social do trabalho, distribuição de riqueza e poder, acesso ao espaço cerimonial, assim como o exercício de controle sobre a produção e distribuição de itens da cultura material. Dentro do assentamento, o teso Belém (M-17), o segundo em tamanho e importância, era um local utilizado para residência e enterramento de pessoas da elite. O período investigado vai de 700 a 1000 d.C. e representa a época de maior expansão da cultura Marajoara (uma descrição detalhada da pesquisa pode ser encontrada em Schaan, 2004).

Em termos da estrutura de poder, buscávamos identificar símbolos de prestígio e seu uso por atores sociais para justificação e negociação de posições sociais. Nossas principais perguntas eram: de que maneira a hierarquia estaria relacionada com poder? Que poder

seria reservado às mulheres? Como mulheres e homens estavam representados em festividades e cerimônias? Como o gênero se relacionaria a atividades produtivas? Quais seriam as pessoas que teriam acesso a símbolos de prestígio e como isto estaria relacionado com poder político? De que maneira a especialização na produção cerâmica se relacionaria com as atividades domésticas e de que maneira as mulheres estariam envolvidas nesta atividade?

Entendendo que os atores sociais utilizam objetos como instrumentos na negociação de sua identidade e poder (Hodder, 1982) e entendendo gênero como um aspecto importante desta identidade (Gero 1992; Munson, 2000; Pollock, 1995), uma das estratégias utilizadas foi a de identificar estes atores sociais através dos remanescentes de seus objetos pessoais. Através da distribuição de artefatos poderíamos mapear as atividades de determinados atores ou grupos sociais e entender melhor a distribuição de tarefas e especialização.

Através do estudo de feições culturais e cultura material concluímos que o teso Belém abrigava uma casa comunal (escavação 4) e uma outra estrutura menor onde localizavam-se os enterramentos e tinham lugar os rituais funerários (escavações 5 e 6, ver Fig.01). A análise dos artefatos, a maioria deles fragmentos cerâmicos, consistiu em verificar distribuição quantitativa de tipos cerâmicos (avaliados com relação a aspectos tecnológicos e estilísticos), assim como verificar distribuição quantitativa e qualitativa de formas de vasilhas e objetos, tanto nos seus aspectos diacrônicos como sincrônicos. A identificação de remanescentes de produção cerâmica (tais como fragmentos de vasilhas que estouraram durante a queima, argila preparada, artefatos não acabados) foi utilizada para avaliar aspectos do processo produtivo, que apontaram para a produção local tanto de cerâmica doméstica

como cerimonial no mesmo local. Além disso, a predominância da produção de cerâmica doméstica, a proximidade do local de produção com o contexto doméstico, assim como a identificação de objetos cerâmicos produzidos por crianças indicou que as atividades produtivas estavam relacionadas a contextos domésticos (Schaan, 2004). Utilizamos também a distribuição de fragmentos de tangas de cerâmica em diversas áreas do sítio para mapear as atividades de mulheres e a presença feminina.

Como resultado, verificou-se uma correlação positiva entre as frequências de remanescentes de produção cerâmica e fragmentos de tangas em uma área que foi considerada como área preferencial para produção cerâmica no sítio. O segundo lugar onde os fragmentos de tangas são mais frequentes é a área de descarte nos fundos da casa, onde foram encontrados também abundantes remanescentes de atividades domésticas. Verificou-se, portanto, que fragmentos de tangas são mais comuns no refúgio doméstico e na área aberta entre a casa comunal e a casa dos antepassados (o espaço cerimonial funerário) do que no próprio espaço cerimonial. É possível, no entanto, que a área que apontamos como área de produção cerâmica tenha sido também uma área de realização de cerimônias rituais, por ser uma área central ao aterro (escavação 1, Fig.01). De qualquer maneira, notou-se a pequena ocorrência relativa de fragmentos de tangas junto à área de sepultamentos. Pode-se talvez interpretar essa distribuição diferencial de fragmentos de tangas por práticas de limpeza. Ou seja, se fragmentos são varridos de dentro da casa e do espaço cerimonial/casa dos antepassados seria de se esperar sua maior ocorrência no refúgio doméstico e na área aberta entre a casa comunal e a casa dos antepassados.

O estudo das feições relacionadas com sepultamentos e o estudo das prá-

ticas funerárias sugere que as diferenças observadas entre os indivíduos da elite sejam diferenças de gênero e idade e não de status social propriamente dito. A pequena quantidade de enterramentos – 24 para um período de 300 ou 400 anos indica que os indivíduos enterrados eram indivíduos da elite, esperando-se pouca diferenciação social entre eles, tendo em vista que a maior diferença seria entre estes e aqueles que nem ao mesmo mereceriam sepultamento em urnas, ou seja, a maioria da população.

Apesar do estudo das práticas funerárias encontrar-se ainda em andamento, notou-se uma associação entre urnas decoradas e tangas, em contraste com uma urna sem decoração onde encontraram-se um machado e um colar lítico. Além disso, duas das urnas que continham tangas continham também um pequeno pote globular com motivos decorativos incisos bastante simples, que interpretamos como representando a pele da serpente (Schaan, 2001) (Fig.02). Uma hipótese que foi levantada a partir destes dados preliminares seria a de que as mulheres seriam enterradas em urnas profusamente decoradas com motivos geométricos e antropomorfos. Como parte deste ritual funerário, os ossos eram acompanhados ocasionalmente por uma tanga ou um pequeno pote de cerâmica, decorado com motivos incisos, ou ainda pelos dois objetos.

Não foi observada a associação entre objetos líticos e tangas. O sepultamento de uma criança de 10 a 12 anos com um pequeno machado lítico e um colar feito com 12 contas cilíndricas de microgabro indica a importância deste indivíduo, tendo em vista que objetos líticos eram necessariamente adquiridos por meio de trocas de longa distância. Uma vez que não existem rochas na Ilha de Marajó, os objetos líticos eram importados de outras áreas como as bacias dos rios Xingu, Tapajós ou Trombe-

tas. É possível que os poucos indivíduos com acesso a esses bens fossem homens. Neste caso, esses objetos poderiam ser entendidos no contexto funerário como marcas de identidade social e de gênero. A formação de alianças externas, através de trocas e contatos culturais tem sido apontada como estratégia que serve para reforçar posições políticas e poder a nível interno (Helms, 1979; Shennan, 1982).

Por outro lado, a maior riqueza decorativa das urnas, com uma diversidade de símbolos que remetem a temas como morte, fecundidade, maternidade, renascimento, assim como sua associação com tangas e remanescentes femininos, como já observado em outras pesquisas (Meggers e Evans, 1957) sugere a importância de mulheres ou de princípios femininos nas relações com o sobrenatural e com os antepassados.

O simbolismo das tangas femininas

Tangas são peças cerâmicas triangulares e côncavas, similares àquelas feitas de materiais orgânicos usadas por índias amazônicas. O único caso conhecido de uso de tanga cerâmica fora da Ilha de Marajó foi reportado por Metraux (1948) entre as tribos Pano do rio Ucayali, onde meninas usavam uma tanga cerâmica de forma oval durante a puberdade (Steward e Metraux 1948: 585, citado por Meggers e Evans 1957: 416). Através da analogia etnográfica, do estudo da iconografia, e da identificação do sexo de esqueletos em enterramentos acompanhados por tangas, concluiu-se que estas eram usadas por mulheres.

As tangas são conhecidas na literatura por serem de dois tipos diferentes: decoradas e não-decoradas. As decoradas o são com motivos decorativos geométricos pintados em vermelho sobre uma superfície que recebeu engobo branco. As conhecidas como não-decoradas, ou simples, recebem um engobo

vermelho e são polidas, resultando em um vermelho vivo que faz os fragmentos serem reconhecidos à distância na superfície dos sítios arqueológicos. As vermelhas são mais freqüentes no registro arqueológico, mas as pintadas chamam mais a atenção pelos elaborados motivos geométricos. As diferenças entre as tangas, como tem sido sugerido por vários autores, estariam provavelmente relacionadas a diferenças de status social entre as usuárias. Os padrões de uso observados nos furos existentes nas extremidades das tangas para a passagem de cordão usado para atar a peça ao corpo sugerem que as tangas eram usadas com freqüência maior do que apenas em ocasiões festivas (Schaan, 1997), o que também é comprovado pela abundância de fragmentos encontrados nos sítios.

Além disso, fragmentos de tangas não são encontrados nos pequenos te-sos-habitação, sugerindo que as tangas eram de uso exclusivo da elite (Meggers e Evans, 1957).

Um terceiro tipo de tanga, no entanto, que é encontrado somente acompanhando enterramentos é ainda mais simples. Possui um engobo de cor clara, bege ou alaranjada, e é polida, mas não possui motivos decorativos. Como fragmentos deste tipo são totalmente ausentes no sítio, conclui-se que essas tangas foram especialmente produzidas para enterramentos, acompanhando uma certa classe de mulheres. Um dos mais elaborados enterramentos já escavados em Marajó foi realizado por Meggers e Evans, (1957) no sítio Monte Carmelo, aterro Guajará, onde de dentro de uma urna grande antropomorfa, com características sexuais femininas e outros motivos decorativos modelados e pintados em preto e vermelho sobre branco, retiraram os ossos de um indivíduo adulto de estatura pequena, provavelmente uma mulher, acompanhada por uma tanga polida alaranjada, sem outras decorações. Junto à urna havia outros vasos enter-

rados assim como indivíduos sepultados diretamente no solo, tão próximos à urna que teriam sido enterrados em conjunto. Os pesquisadores concluíram que se tratava de um indivíduo da elite que teria sido provavelmente acompanhado por escravos, serviçais ou pessoas da família.

Na área de sepultamentos do aterro Belém, no sítio Camutins, também identificamos quatro tangas simples de coloração clara, ou bege, acompanhando urnas funerárias decoradas (Fig.03). Em apenas dois dos enterramentos as tangas eram vermelhas. Uma tanga decorada foi também encontrada na área de enterramentos, mas não associada diretamente com nenhuma urna; no entanto esta tanga pode ter acompanhado algum dos enterramentos mais recentes que sofreram distúrbios pós-deposicionais.

Os dados parecem indicar que as tangas de cor clara e sem decoração eram reservadas para certa classe de mulheres, classe essa definida por posição genealógica e talvez também por idade. Ao contrário do que se poderia imaginar, portanto, são justamente as tangas "simples" as que indicam elevado status social, não as decoradas, como sugeriria o senso comum.

As diferenças em tamanho e curvatura entre as tangas mostram variações que devem ter estado relacionadas à anatomia das mulheres, como Meggers e Evans (1957:382) observaram. Pelo fato das tangas vermelhas serem maiores, possuírem maior curvatura e serem mais abundantes no sítio, sugerimos que tenham sido destinadas à mulheres mais velhas e/ou casadas. Dentro desta elite, portanto, ao contrário do que poderia parecer a princípio, não seriam as mulheres mais importantes na hierarquia aquelas a usarem as tangas decoradas. Ao contrário, seriam mulheres mais jovens, cuja identidade e posição social precisava ser afirmada e lembrada ao

grupo. Sugerimos que estas tangas decoradas eram usadas por mulheres jovens ou meninas, possivelmente durante rituais da puberdade.

Alguns estudiosos da cultura Marajoara notaram que a variação nos desenhos das tangas seguia padrões consistentes, possivelmente de significado simbólico e religioso (Meggers e Evans, 1957:384; Mordini, 1929). Ao estudar estes desenhos, percebemos que há similaridades e variações em padrões decorativos que ocupam campos diferentes da tanga (Schaan, 2001). Notamos inicialmente que estes campos eram três, mas recentemente Tania Andrade Lima (com. pess. 2005) nos chamou a atenção para a existência de um quarto campo, e Mariana Pamplona Ximenes Ponte, bolsista de iniciação científica em estudo atualmente em curso, observou em uma tanga a existência de cinco campos decorativos. De qualquer modo, parece que três campos decorativos são mais freqüentes e abrangem quase a totalidade da superfície da tanga, e podem ser definidos como: a) uma faixa superior que permanece constante e que provavelmente indica gênero e idade em um sentido amplo. O símbolo central é semelhante à representação do órgão feminino em algumas urnas e estatuetas, portanto seu significado está relacionado a gênero e possivelmente sexualidade (Fig.04); b) o segundo campo invariavelmente veicula motivos decorativos que temos identificado ao longo de nossos estudos iconográficos como representando a pele da serpente mitológica. São padrões decorativos que estão presentes sobre a pele de serpentes figurativas dentro do conjunto da iconografia Marajoara, assim como ocupam lugar de destaque em praticamente todos os objetos; c) o terceiro campo decorativo apresenta um espectro de variabilidade maior e pro-

vavelmente veicula informações a respeito de filiação ou algo que fosse mais relacionado à identidades individuais. É especialmente, no entanto, o segundo campo decorativo, aquele dos motivos da serpente o qual queremos enfatizar porque, não por acaso, ele está também presente nas urnas funerárias femininas e nos potes que acompanhavam os enterramentos femininos.

Iconografia, estratégias de subsistência e poder

O índio mergulhou no rio e achou a escama de uma cobra. Ele estava vivendo nas cabeceiras de um pequeno igarapé, e resolveu guardar a escama junto com suas coisas, sem dar muita importância. Então muitas cobras, de diferentes tipos, apareceram, cobras que ele nunca tinha visto. O pajé lhe disse que as cobras vieram atrás de alguma coisa que ele tinha, que pertencia a uma cobra, e que ele tinha que se livrar daquilo. O homem então jogou a escama no rio, mas a água estava muito rasa, na vazante. À noite o igarapé encheu e muitas cobras vieram, seguidas pelos peixes. O lugar onde ele tinha atirado a escama virou uma lagoa tão cheia de peixes que se tornou o melhor lugar para pescar⁴ (Reichel-Dolmatoff, 1971:267).

Diversos aspectos da iconografia nos objetos da cultura material podem ser lidos como representando conceitos cosmológicos e mitológicos, de natureza cultural. Estes conceitos tendem a ser relativamente estáveis no plano das idéias, mas sua veiculação em objetos serve a determinados propósitos (Schaan, 2005), muitas vezes não totalmente conscientes e intencionais, mas que podem se relacionar à legitimação da desigualdade social através do controle ou diálogo com o sobrenatural (Earle, 1990; Helms, 1979).

Em nosso próprio trabalho com a iconografia Marajoara (Schaan, 1997),

⁴ Trecho de mito Desâna, reescrito a partir de relato compilado por Geraldo Reichel-Dolmatoff.

buscamos entendê-la em sua lógica interna como uma linguagem, usada por uma sociedade iletrada para expressar idéias cosmológicas, mitológicas, assim como para demarcar status social em determinados objetos de uso pessoal. Aplicando princípios estruturalistas à análise dos grafismos, propusemos que os desenhos geométricos representavam personagens animais e humanos, através dos quais significados simbólicos eram atribuídos aos objetos. Dentre os animais representados, a figura de uma serpente mitológica seria predominante, motivo pelo qual sugerimos inicialmente sua ligação com mitos de criação. Propusemos ainda que a interpretação dos grafismos era importante para identificação de grupos sociais dentro do domínio da cultura Marajoara, assim como para avaliar as mudanças cronológicas em intensidade de investimento na produção de certos objetos, indicando mudanças nas relações sociais e estruturas de poder (Hays, 1993).

O surgimento de sociedades complexas na Ilha de Marajó, dadas as especificidades de suas características ecológicas, tem sido objeto de intenso debate por várias décadas. Esse debate tem se centrado, principalmente em aspectos ecológicos e econômicos, uma vez que definir uma economia capaz de sustentar o nível de complexidade atingido pela fase Marajoara vinha-se colocando como o maior desafio para os pesquisadores (Meggers, 2001). Apesar de modelos como os que consideram que interesses de indivíduos ou grupos sociais têm a potencialidade de disparar os mecanismos que impulsionam a evolução de complexidade social estar muito em moda ultimamente, deixam muito a desejar em termos de sua potencialidade para explicar mudança cultural (ver Brumfiel e Fox, 1994; Clark e Blake, 1994; ver, por exemplo, Roscoe 2000). Ao contrário, mudança cultural na fase marajoara parece ter estado fundamental-

mente ligada a mudanças nas estratégias de subsistência. Nossas pesquisas indicam que a pesca intensiva, com a manipulação do nível das águas e da mobilidade dos peixes, obtida através da construção de barragens e lagos artificiais esteve na origem do desenvolvimento de complexidade social em Marajó (Schaan, 2004). Um processo similar foi observado por Erickson (2000) nas savanas bolivianas, com a construção de reservatório de peixes, uma estratégia que ele chamou de *domesticação da paisagem*.

A localização dos tesos cerimoniais nos pontos onde a exploração da pesca intensiva era favorecida ecologicamente e a construção de uma ecologia cultural através de lagos e barragens associados ao culto aos antepassados indicam que alguns grupos sociais ter-se-iam apropriado ou aproveitado de símbolos culturais (os antepassados mitológicos) para reforçar hierarquia social e reivindicar direitos aos recursos naturais. Nesse contexto, a cultura material foi utilizada conscientemente por determinados grupos sociais para garantir a estabilidade de uma economia política, cuja sustentação ideológica dependia da realização de rituais periódicos. Não por acaso, as duas atividades nas quais esta economia política se baseava – a pesca e a produção de objetos rituais cerâmicos, ocorriam concomitantemente durante o verão amazônico, de julho a novembro. O fato da produção de cerâmica e a pesca serem igualmente favorecidas pelo fim das chuvas e recuo das águas, pode sugerir uma divisão de tarefas entre homens pescadores e mulheres ceramistas. Dada a sazonalidade dessas atividades, no entanto, e o caráter hierárquico dessa sociedade, pode-se pensar em uma divisão de trabalho dinâmica em função das variáveis ecológicas, sociais e políticas (ver, por exemplo, Brumfiel, 1991 e Fish, 2000). Ambas as atividades eram primariamente conduzidas sob

os auspícios da elite, mas não de uma maneira totalmente centralizada. Pelo menos duas barragens existiam no Camutins, coincidindo com a localização de dois grupos de aterros cerimoniais da elite, sugerindo uma segmentação do poder. Além disso, a produção de cerâmica ocorria também nos dois aterros principais e provavelmente também nos outros quatro aterros habitados pela elite. Pode-se pensar, portanto em uma ordenação das atividades por parte da elite.

A associação dos pequenos vasos cerâmicos com enterramentos femininos pode talvez ser entendido como representando o aspecto de gênero desta divisão de tarefas, onde as mulheres seriam as responsáveis pela produção cerâmica. Pode ainda ser objeto utilizado para conter medicamento, bebida ou alimento no contexto funerário. Esse pequeno pote cerâmico é muitas vezes desprovido de decoração, contrastando com a riqueza de detalhes e pintura policrômica observados nas urnas. Os motivos da serpente, tanto nas tangas quanto nos potes, parecem indicar que a serpente mitológica estaria relacionada com objetos femininos e deve, portanto, ser entendida dentro do contexto dos significados de gênero que os povos amazônicos geralmente conferem aos seres da natureza e ao sobrenatural. Sociedades indígenas amazônicas entendem que os animais, assim como os humanos, possuem vida social. Sua cosmologia é então habitada por seres que possuem gênero e personalidade e que, por esse motivo são usados como metáforas das relações sociais (Viveiros de Castro, 1996). Na mitologia amazônica, a serpente é em geral um ser feminino, cujos poderes e atributos variam culturalmente mas que estão associados freqüentemente com fertilidade (Reichel-Dolmatoff, 1971). É possível que a serpente mítica fosse considerada responsável pela procriação de

peixes, a base econômica da sociedade Marajoara. Esta situação explicaria a recorrência da serpente na iconografia Marajoara e sua associação freqüente com objetos femininos. Além disso, indicaria uma importância do gênero feminino para o equilíbrio das relações entre sociedade humana e ciclo de vida dos animais.

Observações finais

Antropólogos têm sugerido que, em sociedades como cacicados, na medida em que complexidade social aumenta e a produção cerâmica se torna uma atividade especializada, grupos de ceramistas se dedicam exclusivamente a produzir cerâmica mais elaborada para festas e rituais (Earle 1991, 1997; Feinman, Kowalewski e Blanton, 1984). É neste momento em que a produção cerâmica pode vir a se tornar uma atividade masculina, ou quando a participação masculina aumenta. Em sociedades mais simples ou de menor escala, por outro lado, a produção cerâmica geralmente tem lugar no contexto doméstico, e é tarefa desempenhada por mulheres, sendo a participação dos homens restrita a certas partes do processo produtivo (Costin, 1991).

No teso Belém, a correlação entre vestimenta feminina (tangas vermelhas) e remanescentes de produção cerâmica na mesma área, além de outras evidências como o caráter predominantemente doméstico da produção (Schaan, 2003) sugere que as mulheres estivessem primariamente encarregadas da produção cerâmica. Pelo fato de ambas as atividades ocorrerem no mesmo período sugere-se que a pesca fosse atividade predominantemente masculina, pelo menos durante o período de maior produção. Além disso, a coleta de peixes envolvia previamente as obras de terra (construção de barragens, limpeza de lagos), o que

devia ser tarefa masculina. Ao mesmo tempo é possível que a pesca congregasse homens e mulheres comuns, que não fizessem parte da elite, moradores tanto do sítio Camutins como de outras localidades que dirigiam-se para o Camutins na época de maior produtividade.

Caso se confirme que as urnas decoradas antropomorfas era, realmente, somente destinadas a mulheres, é bastante provável que a sociedade Marajoara fosse matrilinear, como sugere Roosevelt (1991). Entretanto, não defendemos a idéia de que o poder político estivesse necessariamente na mão de mulheres. A provável correlação simbólica entre a serpente mitológica e a reprodução de peixes e sua associação com o gênero feminino sugere que a serpente pode ter sido considerada como ancestral dentro de uma linhagem feminina, o que daria a uma elite de mulheres prerrogativas especiais. Sociedades matrilineares eram bastante comuns na pré-história das Américas, onde a linha de descendência e o exercício do poder nem sempre convergiam, sendo os chefes nomeados dada a sua filiação pela linha materna (Boada-Rivas, 1998; Wilson, 1977). A iconografia Marajoara, pela predominância das imagens femininas indica a importância de ancestrais femininos; ao mesmo tempo, a freqüente convivência de símbolos masculinos e femininos em um mesmo objeto, como no caso das estatuetas fálico-femininas (Fig.03) questiona a idéia de uma dicotomia entre os gêneros na organização da vida social. Seria mais adequado sugerir que, ainda que gênero fosse importante, as diferenças sociais entre a elite e pessoas comuns seria o princípio de organização social mais importante.

Estudos iconográficos podem ajudar enormemente a entender o registro arqueológico, na medida em que os contextos de uso e descarte de objetos nos informam sobre a maneira pela qual es-

tes foram usados para reforçar discursos sobre identidade e negociar poder. Estes objetos, quando entendidos nos seus contextos domésticos e produtivos, nos comunicam sobre atividades que são, no seu dia-a-dia, determinadas por gênero, posição social e idade (Hastorf, 1991). Ao usar gênero como um componente importante da investigação tem sido possível observar diversos aspectos da organização social e entender diferenças de status social em um contexto mais amplo.

É possível que outros objetos perecíveis acompanhassem a ceramista, juntamente com seu pote e sua tanga, em sua moradia no espaço funerário e ritual. O que encontramos, no entanto, é apenas uma tanga não decorada, com um pequeno pote que carrega motivos decorativos incisos e que contrastam, em sua simplicidade, com a riqueza decorativa da urna. Seus significados simbólicos, no entanto, parecem transcender a simplicidade, ao marcar status social e gênero em uma sociedade cuja complexidade da cultura material tem instigado pesquisadores e leigos, e fascinado a todos nós através dos anos.

Agradecimentos

Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada (mas não publicada) no XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, em São Paulo, em 2003, no Simpósio "Cultura Material e Significados Simbólicos", coordenado pela Prof^a Dra. Tania Andrade Lima. O artigo foi redigido enquanto a autora esteve recebendo bolsas GDE e, posteriormente, DTI do CNPq. Agradecemos à Prof^a Tania o convite, que resultou na redação deste artigo, assim como seu apoio e troca de idéias ao longo dos anos e, é claro, à constante fonte de inspiração e motivação que temos encontrado em seu trabalho.

Referências Bibliográficas

- BOADA-RIVAS, A. M. 1998. Mortuary tradition and leadership: a Muisca case from de Valle de Samacá, Colombia. In: OYUELA-CAYCEDO, A. & RAYMOND, J. S. (Org.). *Recent Advances in the Archaeology of the Northern Andes*. Los Angeles, UCLA, pp. 54-70.
- BOOMERT, A. 1987. Gifts of the Amazons: "Greenstone" pendants and beads as items of ceremonial exchange in Amazonia. *Antropologica*, 67:33-54.
- BRUMFIEL, E. M. 1991. Weaving and cooking: women's production in Aztec Mexico. In: GERO, J. & CONKEY, M. W. (Org.). *Engendering Archaeology: Women and Prehistory*. Cambridge, Blackwell, pp. 224-251.
- . 1992. Distinguished lecture in archaeology: breaking and entering the ecosystem - gender, class and faction steal the show. *American Anthropologist*, 94:551-567.
- BRUMFIEL, E. M., & Fox, J. W. (Org.). 1994. *Factional Competition and Political Development in the New World*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CARNEIRO, R. L. 1981. The chiefdom: Precursor of the state. In: JONES, G. & KAUTZ, R. (Org.). *The Transition to Statehood in the New World*. Cambridge, Cambridge University Press, pp.37-79.
- CLARK, J., & BLAKE, M. 1994. The power of prestige: competitive generosity and the emergence of rank societies in lowland Mesoamerica. In: BRUMFIEL, E. M. & FOX, J. W. (Org.). *Factional Competition and Political Development in the New World*. Cambridge, Cambridge University Press, pp.31-43.
- CONKEY, M., & HASTORF, C. 1990. *The Uses of Style in Archaeology. New Directions in Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- COSTIN, L. 1991. Craft specialization: issues in defining, documenting, and explaining the organization of production. In: SCHIFFER, M. B. (Org.). *Archaeological Method and Theory vol. 3*. Tucson, University of Arizona Press.
- . 1996. Exploring the relationship between gender and craft in complex societies: methodological and theoretical issues of gender attribution. In: WRIGHT, R. (Org.). *Gender and Archaeology*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, pp.111-140.
- EARLE, T. 1990. Style and iconography as legitimation in complex chiefdoms. In: CONKEY, M. & HASTORF, C. (Org.). *The Uses of Style in Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press, pp.73-81.
- . 1991. *Chiefdoms: Power, Economy, and Ideology*. School of American Research Advanced Seminar Series. Cambridge, New York, Cambridge University Press.
- . 1997. *How Chiefs come to Power: the Political Economy in Prehistory*. Stanford, Stanford University Press.
- ERICKSON, C. L. 2000. An artificial landscape-scale fishery in the Bolivian Amazon. *Nature*, 408:190-193.
- FEINMAN, G. M., KOWALEWSKI, S. A., & BLANTON, R. E. 1984. Modelling ceramic production and organizational change in the pre-hispanic valley of Oaxaca, Mexico. In: LEEUW, S. E. VAN DER & PRITCHARD, A. C. (Org.) *The Many Dimensions of Pottery: Ceramics in Archaeology and Anthropology*. Amsterdam, Universitaet van Amsterdam, pp.297-331.

- FERREIRA PENNA, D. S. 1877. Apontamentos sobre os cerâmios do Pará. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2:47-67.
- FISH, S. K. 2000. Farming, foraging, and gender. In: CROWN, P. L. (Org.). 2000. *Women and Men in the Prehispanic Southwest. Labor, Power, and Prestige*. Houston, School of American Research Press, pp.169-196.
- GERO, J. 1992. Feasts and females: gender ideology and political meals in the Andes. *Norw. Arch. Rev.*, 25(1):15-30.
- HARTT, C. F. 1871. The Ancient Indian Pottery of Marajo, Brazil. *American Naturalist*, 5(5):259-271.
- HASTORF, C. A. 1991. Gender, space, and food in prehistory. In: GERO, J. & CONKEY, M. W. (Org.). *Engendering Archaeology: Women and Prehistory*. Cambridge, MS, Blackwell, pp.132-159.
- HAYS, K. A. 1993. When is a symbol archaeologically meaningful? meaning, function, and prehistoric visual arts. In: YOFFEE, N. & SHERRATT, A. (Org.). *Archaeological Theory: Who sets the Agenda?* Cambridge, Cambridge University Press, pp.81-92.
- HELMS, M. W. 1979. *Ancient Panama. Chiefs in Search of Power*. Austin and London, University of Texas Press.
- HODDER, I. 1982. *Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. New Studies in Archaeology. Cambridge [Cambridgeshire], New York, Cambridge University Press.
- MAGALIS, J. E. 1975. *A Seriation of Some Marajoara Painted Anthropomorphic Urns*. Tese de Doutorado. Urbana, Universidade de Illinois.
- MEGGERS, B. J. 2001. The mystery of the Marajoara: an ecological solution. *Amazoniana*, XVI (3/4):421-440.
- MEGGERS, B. J., & EVANS, C. 1957. *Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon. Bulletin 167*. Washington, D.C., Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology, U.S. Govt. Print. Off.
- MORDINI, A. 1929. Cuvre sexe precolombiani in argilla dell'isola di Marajo. *Archivio per L'Anthropologia e la Etnografia*, 59.
- MUNSON, M. K. 2000. *Sex, gender, and status: human images from the classic Mimbres*. *American Antiquity*, 65(1):127-143.
- NETTO, L. 1885. Investigações sobre a arqueologia brasileira. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 6:257-554.
- PALMATARY, H. C. 1950. The pottery of Marajo Island, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*, 39 (3).
- POLLOCK, S. 1995. Women in a men's world: images of Sumerian women. In: GERO, J. & CONKEY, M. W. (Org.). *Engendering Archaeology. Women and prehistory*. Cambridge, Blackwell, pp.366-387.
- REICHEL-DOLMATOFF, G. 1971. *Amazonian Cosmos*. Chicago, University of Chicago Press.
- ROOSEVELT, A. C. 1991. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. San Diego, Academic Press.
- ROSCOE, P. 2000. Costs, benefits, typologies, and power: The evolution of political hierarchy. In: DIEHL, M. W. (Org.). *Hierarchies in Action: Cui Bono?* Center for Archaeological investigations, Occasional Paper n 27, Southern Illinois University, pp.113-33.

- SCHAAN, D. P. 1997. A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara. Um Estudo da Arte Pré-histórica na Ilha de Marajó, Brasil (400-1300 A.D.). *Coleção Arqueologia*, Porto Alegre: Edipucrs, n.3.
- . 2001. Into the labyrinths of Marajoara pottery: status and cultural identity in an Amazonian complex society. In: MCEWAN, C., BARRETO, C., & NEVES, E. G. (Org.). 2001. *The Unknown Amazon. Nature in Culture in Ancient Brazil*. London, British Museum Press, pp.108-133.
- . 2003. Para além dos cacos e tipologias: avaliando aspectos da produção e consumo de cerâmica em um sítio arqueológico. Poster apresentado no *XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, São Paulo.
- . 2004. *The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Complex Societies on Marajó Island, Brazilian Amazon*. Tese de Doutorado. Pittsburgh, Universidade de Pittsburgh.
- . 2005. *Is there a need to (un)gender the past? Advances in Gender Research* 10: (no prelo).
- SHENNAN, S. 1982. *Exchange and ranking: the role of amber in the earlier bronze age of Europe*. In: RENFREW, C. & SHENNAN, S. S. (Org.). *Ranking, Resource, and Exchange: Aspects of the Archaeology of Early European Society*. Cambridge, Cambridge University Press, pp.33-45.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1996. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo Ameríndio. *Mana*, 2(2):115-144.
- WILSON, S. M. 1977. The Taíno social and political order. In: BERCHT, F., BRODSKY, E., FARMER, J. A., & TAYLOR, D. (Org.). *Taíno: Pre-Columbian Art and Culture from the Caribbean*. New York, Monacelli Press, pp.46-55.
- WOBST, H. M. 1977. Stylistic behavior and information exchange. In: CLELAND, C. E. (Org.). *For the Director: Research Essays in Honor of James B. Griffin*. Ann Arbor, Museum of Anthropology, University of Michigan, pp.317-42.

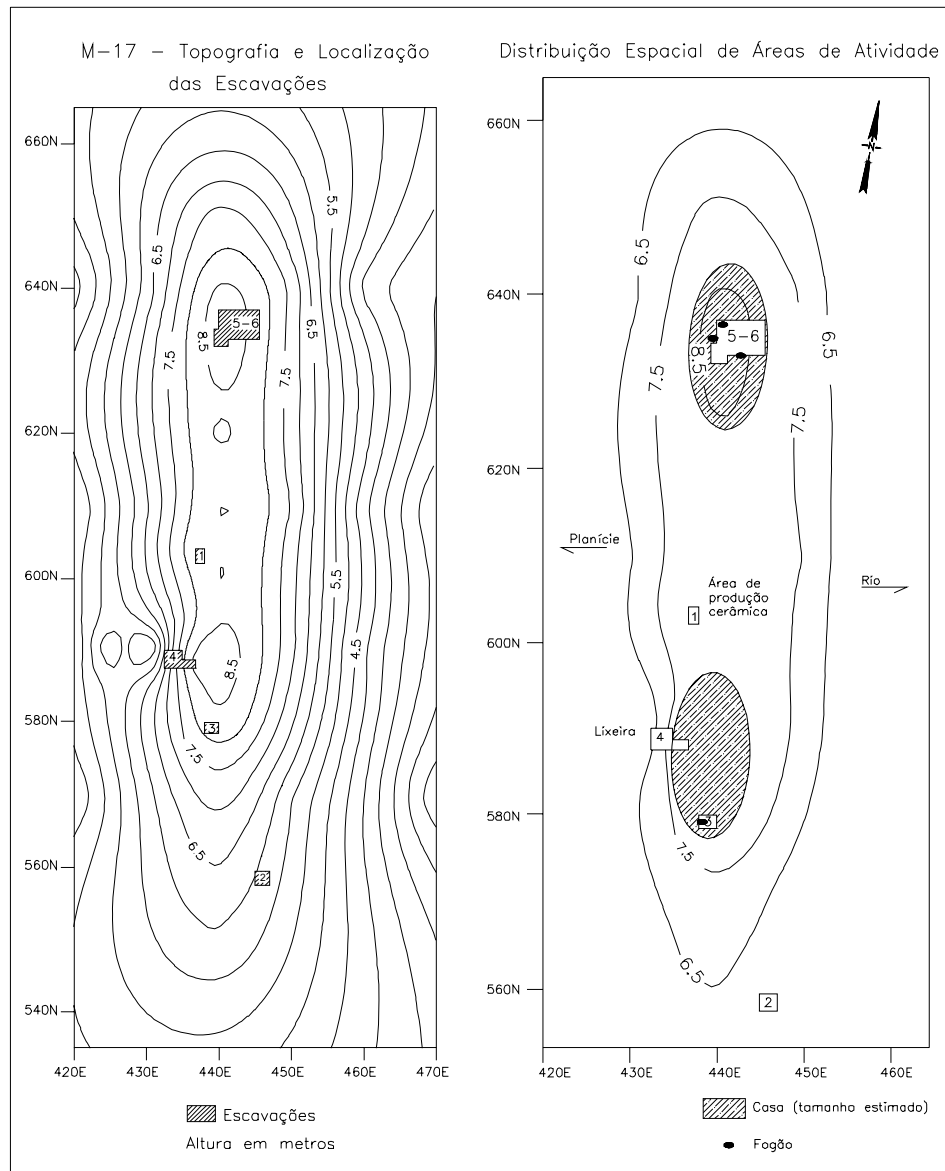


Fig.01 - Localização de escavações e reconstituição da distribuição espacial de moradia e espaço funerário no teso Belém (M-17).



Fig.02 - Pequenos potes globulares com decoração incisa são encontrados dentro ou próximos a urnas funerárias.



Fig.03 - Tanga cerâmica retirada de dentro de urna funerária durante escavação do teso Belém. Foto de Carlos Mora.

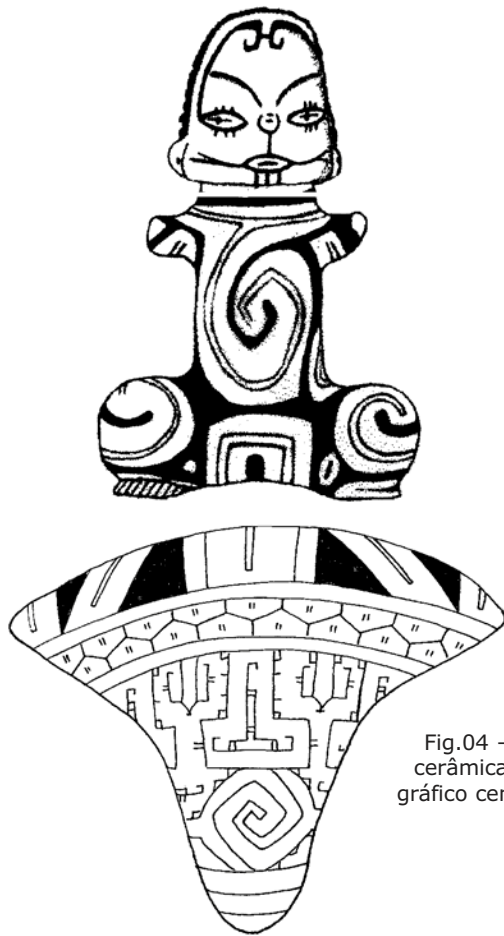


Fig.04 - Estatueta fálico-feminina e tanga cerâmicas. A vagina da estatueta e o signo gráfico central superior da tanga são similares.